

COMENTÁRIOS & RESENHA

ENSAIO DE CARACTERIZAÇÃO DA RELAÇÃO CIÊNCIA-IDEOLOGIA *

Adelaide Assunção Alves

Este ensaio filosófico trata da questão das relações entre ciência e ideologia, demonstrando a impossibilidade real da oposição entre ambas.

O tema da não-neutralidade da ciência tem sido tratado no decurso de nossa formação desde a graduação em filosofia. Mas, só na pós-graduação tivemos a possibilidade de trabalhá-lo mais sistematicamente, quando, no nosso mestrado em filosofia da educação, ele tornou-se um lugar-comum, quase um modismo.

Pareceu-nos ser um tema relevante no sentido em que se apresentava a nós mais como desafio à compreensão do que como evidência. A análise crítico-descritiva do debate ciência-ideologia tornou-se um exercício filosófico importante, na medida em que, buscando explicitar um tema que, inicialmente parecia óbvio, ao final deste trabalho, mostrou grande complexidade.

Para admitirmos a oposição entre ciência e ideologia, tornar-se-ia necessário podermos situar, em campos opostos, o que pertence ao domínio do conhecimento científico e o que faz parte do terreno ideológico.

Como fazer tal distinção ?

Caracterizamos alguns critérios de demarcação entre conhecimento científico e conhecimento não-científico — isto é, conhecimento ideológico, filosófico, místico etc., — que são os critérios da verificabilidade do significado, da falseabilidade, refutabilidade ou testabilidade e o paradigma. Partindo de pressupostos diferentes, cada um desses critérios distingue, a seu modo, o que é conhecimento científico daquilo que é tido como conhecimento não-científico.

O que garante a veracidade desses critérios ?

Nosso objetivo, ao analisá-los, é o de evidenciar a dificuldade e a insustentabilidade em fixar-se um critério rígido de demarcação entre ciência e não-ciência, já que os critérios propostos para tal demarcação revelaram-se como critérios não-científicos e, por vezes, dogmáticos.

Quanto ao primeiro — o critério da verificabilidade do significado — ele funda-se no fato de que a distinção entre proposições científicas e proposições filosóficas, ideológicas etc., faça-se em função da distinção entre proposições com sentido e proposições sem sentido, ou seja, entre proposições passíveis ou não de verificação. Este critério foi formulado pelos positivistas e considerado como inadequado, já que excluía as leis gerais das ciências da natureza do domínio do conhecimento científico.

No que se refere ao critério da falseabilidade, apesar deste estabelecer a perspectiva de que a validação de um enunciado não pode ser determinada de uma vez por todas, como é o caso do critério da verificabilidade do significado, ele ainda se mantém preso ao ponto de vista da oposição entre conhecimento científico e conhecimento não-científico e seu objetivo visa a evidenciar esta oposição. Como inverso do critério da verificabilidade do significado, o critério da falseabilidade propõe que

* Resumo da dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em Educação (Filosofia da Educação) à Comissão Julgadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

um enunciado é científico se as informações que ele encerra podem entrar em confronto com a experiência, isto é, apenas se forem passíveis de testes sistemáticos, o que equivale a dizer que, ao ser submetido a testes, pode ter sua aceitação rejeitada, sendo, portanto, refutado.

No que diz respeito ao paradigma, sua aceitação, como critério de marcação, implica a confirmação do pressuposto que o desenvolvimento do conhecimento científico progride através de descontinuidades e rupturas. O paradigma, como elemento caracterizador das áreas do conhecimento que atingiram o status de ciência, opõe-se a uma visão evolutiva do conhecimento científico.

Tendo em vista esses três diferentes critérios, podemos considerar aquilo que Karl Popper afirma, em *A Lógica da Pesquisa Científica*, p. 54 — 5, quando diz que “será sempre questão de decisão ou de convenção saber o que deve ser denominado “ciência” e quem deve ser chamado de “cientista”.

Dada a dificuldade em delimitar o que faz parte do domínio científico, como estabelecer a oposição ciência-ideologia ?

A relação entre ciência e ideologia faz-se tendo em vista as concepções, tanto de ciência como de ideologia adotadas. O modo como se aborda a relação ciência-ideologia depende, assim, da forma como se conceitua cada uma delas.

Se nos prendemos ao ponto de vista, segundo o qual, a ciência equivale a uma prática autônoma, voltada para a busca da verdade, movida somente pela lógica interna de suas proposições e dissociada dos sistemas político, econômico e social e se, por sua vez, tivermos a ideologia na conta de falso conhecimento, voltada para a ocultação da verdade e o mascaramento do real, movida em função de interesses de classes — vale dizer, classes dominantes — estamos fazendo uma nítida oposição entre ciência e ideologia. Da exaltação da ciência e da concepção negativa da ideologia acentua-se a oposição entre as duas. O sentido de libertação que tem acompanhado a primeira e o caráter de dominação e opressão que se associa à segunda têm contribuído para intensificar tal oposição.

Mas, se nos afastamos das concepções que encaminham o conhecimento científico para o lugar de conhecimento neutro, desinteressado e seguro e se passamos a considerar as ideologias, não apenas no sentido de mascaramento e ocultação da verdade, visando à manutenção do poder e domínio de uma classe — ou frações de classes — sobre as demais, aí, então, cria-se outra perspectiva para considerar o que é ciência e o que é ideologia, não mais como domínios opostos, mas como planos que não se distinguem com tanta evidência, como pode parecer à primeira vista.

Na caracterização do que é ideologia, conforme Marx, evidencia-se o sentido de dominação, como aspecto essencial das ideologias. Este sentido primeiro de dominação que acompanha as ideologias reporta-nos às questões das classes sociais, a classe dominante e sua associação com o Estado, a função do Estado nas sociedades de classes e o papel histórico do proletariado como classe revolucionária.

Na concepção de Marx a ideologia é, essencialmente, negativa, na medida em que ela é o instrumento, através do qual, mascara-se a verdade em favor de mentiras que interessam a uma minoria. A ordem vigente é garantida pela manutenção, a todo custo, de uma ideologia dominante. Como monopólio da classe dominante, a ideologia não passa de erro, ilusão, criada pela classe social que domina e consumida pelas classes exploradas pelo modo de produção em vigor. No quadro das sociedades de classes, cada época cria uma ideologia, que se torna dominante. O fato dela prevalecer em dado contexto social não significa seja ela melhor ou pior que sua antecessora, mas somente que ela se tornou a mais eficaz naquele momento, como instrumento de domínio e exploração humana.

Desse modo, a ideologia é uma mentira que oculta a verdade, é uma ilusão para aqueles que acreditam nela, é um erro, trazendo consigo a distorção do real.

Assim como as ideologias aparecem e desaparecem, elas retornam sob nova roupagem. Representam sempre uma situação que precisa e pode ser superada, mas que tem sido parcialmente superada, já que a crítica a uma ideologia tem sido sempre acompanhada de outra nova ideologia, mais abrangente que a anterior, capaz de ser eficaz onde sua antecessora falhou.

Como, em Marx, a superação ideológica não se faz pela crítica pura, mas pela ação revolucionária, sua teoria vem em busca, não apenas da superação da ideologia burguesa, a ideologia do modo de produção capitalista, visando antes à supressão mesma das ideologias, enquanto distorção do real. É sobre o lema da "transparência" revolucionária que Marx fundamenta e defende a luta do proletariado, como a primeira e a última classe verdadeiramente revolucionária, já que dela depende a superação, de fato, das ideologias, conduzindo a uma nova ordem social.

Como podemos notar, da concepção de ideologia adotada, decorrem implicações nas esferas política, social, econômica e cultural.

Partindo do ponto de vista da dominação, não só a concepção de ideologia tem caráter específico, mas o modo como se constitui a crítica a ela adquire um sentido decorrente da concepção adotada. Se tomamos por base outro ponto de vista, certamente as implicações que daí derivam adquirem uma conotação também diferente. É, em função disso que, ao lado da ideologia-domação caracterizamos a ideologia como integração ou coesão social, na qual a dominação é um aspecto, mas não o único ou o primordial. Dessa mudança de perspectiva muda também o modo como se concebe a crítica às ideologias.

Como elemento fundante de um grupo social, como representação que um grupo se faz de si, a ideologia permite a coesão social, possibilitando a integração dos indivíduos em torno de uma auto-representação coletiva.

Conceituada nestes termos, a ideologia é o elemento constituinte de um grupo social; deixando de ser apenas uma falsa representação social, ela denota uma representação necessária que garante a coesão social. Neste sentido, a crítica às ideologias é um processo inesgotável que transcende um dado modo de produção.

A idéia de que a ideologia é uma ilusão, um erro, uma falsa representação social, trouxe a preocupação de se estabelecer um lugar não-ideológico, a partir do qual, fosse possível a crítica às ideologias. Com o positivismo, pretendeu-se fosse esse lugar ocupado pela ciência, como se o conhecimento científico pudesse constituir-se no outro da ideologia.

Desenvolvemos aqui o ponto de vista de que não há essa oposição entre ciência e ideologia, assim como defendemos a visão de que a ciência se tornou, em nossa época, uma nova ideologia.

A teoria de Louis Althusser, segundo a qual, a ciência é produto de uma ruptura com a ideologia, mostrou-se insustentável. A prática científica, não se opõe à prática ideológica, como acreditava ele em suas obras da primeira geração. O conhecimento científico, não é apenas assediado por ideologias, mas ele mesmo já é ideológico. É ideológico quando pretende ser autônomo em relação às classes sociais, dissociado dos sistemas político, social e econômico vigente, enfim, como oposto às ideologias e crítica radical a elas.

O homem e sua mediação com o mundo. É neste contexto que podemos encontrar uma significação para aquilo que denominamos ciência. Esta não é uma atividade autônoma, mas um projeto engajado na própria história da humanidade; como tal, é produto social que responde aos problemas concretos de cada época, estando diretamente relacionada ao próprio grau de desenvolvimento de uma cultura em dado período histórico. A ciência não se desenvolve espontânea e arbitrariamente, mas em função de fins estabelecidos, decisões voluntárias e objetivos previamente determinados.

Como lugar não-ideológico, a ciência surge, aparentemente, como possibilidade de crítica radical ao conhecimento ideológico; porém, isto nada mais significa que a ocultação de uma nova ideologia, que é a ideologia da neutralidade científica. O que é novo nesta ideologia é que ela perdeu o caráter das antigas formas de repressão e violência, mas, nem por isto ela é menos violenta e repressiva, uma vez que se oculta sob uma falta de liberdade confortável, garantida pelo desenvolvimento científico-tecnológico, capaz de "atender" às necessidades dos indivíduos pela forma como está organizada. Dessa forma, a "racionalidade" tecnológica legitima a dominação e o horizonte instrumentalista da razão abre-se sobre uma sociedade racionalmente totalitária. O mecanismo que liga o indivíduo à sociedade mudou e o controle social acha-se, agora, ancorado nas necessidades que ela produz.

Vivemos sob a égide de uma ciência totalitária, totalitarismo este que se tem imposto em nome da racionalidade científica. A idéia de uma ciência nova, assim como a de uma nova tecnologia, revelaram-se utópicas, porque o projeto científico-tecnológico representa o projeto de toda a humanidade e, como tal, não pode ser facilmente ultrapassado. Não podemos pretender uma nova ciência, mas apenas uma mudança na direção do progresso científico-tecnológico, onde a ciência se voltará, efetivamente, para a melhoria da qualidade da vida humana. Neste projeto, deverá estabelecer-se uma nova relação do homem com a natureza; em lugar de objeto passível de exploração, pode-se encetar a natureza como parceiro, uma natureza fraterna em lugar de uma natureza explorada.

O desenvolvimento científico-tecnológico tem transformado a vida das pessoas; contudo, de que modo a espécie, como um todo, tem sido beneficiada com esse progresso, se a maioria das criações tecnológicas não está ao alcance da maior parte dos indivíduos ou se, em nada elas têm contribuído para melhorar o nível de vida da grande totalidade dos indivíduos?

Enquanto o poder da ciência permanecer como monopólio de interesses particulares, visando à manipulação e o domínio social, ela não poderá ser libertadora. Pois, o progresso científico-tecnológico só é libertador se acompanhado de um progresso equivalente no quadro das instituições sociais, onde os homens, de espectadores passivos passem a participantes críticos, onde os interesses que comandam o conhecimento não sejam mais ocultados ou dissimulados, onde a própria postura crítica, revelando seu interesse emancipatório, abandone a perspectiva de crítica pura e desinteressada.